

A VELHA GUARDA

ÓRGÃO LOCAL DO PARTIDO REPUBLICANO PORTUGUÊS

Director,

Vitorino Simões Lopes Sampaio

Propriedade da Empresa de **A Velha Guarda**

Editor,

Alcindo Dias Pereira

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: Rua 31 de Janeiro, 165—Composto e impresso na Tip. do «Noticias de Fafe»: Rua Monsenhor—FAFE

FALANDO CLARO

Sempre a questão dos Claustros da Oliveira

Algumas devoluções recebemos em face da atitude desempoeirada que assumimos perante a questão dos Claustros da Colegiada.

Não amedronta este processo de asfixia que os apaniguados do arqueólogo «insigne» pretendem usar, nem tão pouco receamos o desaparecimento do nosso jornal, só porque nos cortam umas dezenas de escudos.

A verdade acima de tudo—eis o dilema que nos serve de apanágio,—e lamentamos sinceramente que deturpem ou desviem o sentido das nossas palavras. Aqui, nestas colunas, nunca se disse que somos partidários da paralisação das obras do «Museu Alberto Sampaio»; fazemos, e nisso pomos toda a nossa consciência de bons investigadores, os reparos que esse longo restauro (como muito bem disse o sr. dr. Alfredo de Magalhães na carta publicada em um colega local) merece e ao público se deve; a crítica serena sobreposta às asneiras do ilustre «empreiteiro» e o ah de espanto em face dos exorbitantes gastos que aquela... obra tem devorado.

Isto sim, traceja o caminho que temos trilhado, pisado e calcuriado...

E não tergiversaremos em nossa marcha como não desmentiremos uma única palavra daquilo que temos escrito.

Com todo o ardor nos referimos ao assunto, porque sabemos estar connosco a maioria da população vimaranense—creiam-no os bajuladores que noticiam Alfredos para aqui e Alfredos para acolá,—que desconhece e não compreende as contas de saco feitas pelo erudito «calceteiro». E' vêr, senhores! E' vêr!

a) — Porque razão o sr. Alfredo Guimarães se nega a passar recibos de quantias que recebeu d'outrem?!

b) — Porque não vieram a lume as contas do rendimento das subscrições públicas feitas pela Academia e por um grupo de capitalistas?!

c) — Porque motivo ainda se desconhecem as receitas provenientes do espectáculo realizado pelo Grupo Dramático Vimaranense e do concerto do grande Viana da Mota—não falando já no recital levado a efeito nos Claustros?!

d) — Porque até hoje não foram pagos certos dinheiros pedidos a título de férias quando é certo que S. Ex.ª dizia aos mestres que não lhes pagava por ter de pagar a outrem?!

E' um perfeito estendal de miséria, se levarmos em linha de conta os Esc. 50\$00 e os Esc. 100\$00 pedidos aos mestres por várias vezes para passeatas de automóvel e o jantar que lhes apanhou para se dar ares da sua... pouca importância.

Quanto a técnica, a incompetência revela-se a cada momento e os crimes de lesa-arte são constantes.

Não basta saber escrever ou copiar textualmente o que se trelê em livros da especialidade—*difficiles nuque*—ou dizer-se com desplante o «eu sei»; não basta vestir um guarda-pó e passear as ruas da cidade sobraçando uma pasta de couro, talvez cheia de livros que têm outro dono; para usar da competência, para não fazer fraca figura e para não merecer as palmatoadas que descarregamos sem piedade, é necessário ter em verdade largos conhecimentos, possuir uma sensibilidade artística pouco vulgar e despir de todo a vaidade que possa levar quem quer a praticar vandalismos como os que se seguem:

- 1.º—Assentamento do travejamento da cachorrada interior.
- 2.º—Demolição da cornija exterior.
- 3.º—Escavacamento duma pedra tumular que existia na antiga igreja de Santa Clara.
- 4.º—Barragem duma janela que o acaso pôs a descoberto.
- 5.º—Transformação dum claustro em galilé.

Ora, para que a elucidação seja completa, convem dizer alto e bom som: O sr. Alfredo Guimarães não fez mais do que endireitar algumas colunas da arcaria dos Claustros que o sr. Capitão Luiz de Pina havia restaurado; desentulhou e picou a calça—serviço de transporte feito gratuitamente pelo camion da Câmara para essa limpêsa;—e estragou o que o tempo implacável não conseguira.

E permite-se o luxo de fazer publicar cartas de aplauso, quando é certo que não se vê lá nenhuma dos artistas vimaranenses, e, muito especialmente, do sr. architecto Baltazar de Castro, ilustre director dos Monumentos Nacionais.

Como Virgílio, merece que gritemos:

Claudite jam rinos, pueri; sat praefra biberuni!

Coito de critérios não avêssos

Por L. COELHO

I

(Continuação)

Nem só no Continente os portugueses mostraram a sua repulsa pelo despotismo dos áulicos de Beresford, ao péso dum remorso...

Também no Brazil, dum modo bem resoluto, a ideia de liberdade frutificou, mas desta vez com disposições emancipadoras. Pernambuco foi o rastilho e deu o exemplo às outras províncias, reivindicando para si uma maior amplitude na forma de governar.

O vento fresco soprado do «velho continente», mórmente o que incidia da França, amenizou, tornou aprazível e deliciosa a convicção de que só assim, com uma nova forma de governo, a prosperidade viria a breve trecho.

E o movimento foi decisivo, como exaltação e como indignado protesto.

—E' assim o povo!

Robustecido pelos seus princípios e pelo entendimento regular dos seus direitos, declarou abolidos todos os monopólios de mára pusilanidade e resolve-se a dispendir o máximo de energia para concentrar na colectividade o que o despota é incapaz de resolver — a refutação da decadência que não admite ilusões.

Esbraveja, ergue-se e levanta-se como touro indomável, sufoca os primeiros gritos, verte sangue, precipita-se contra o irremediavelmente perdido, sente o ósculo da Morte a gelar-lhe a vida, mas não falece em seu ímpeto sem que seja derribado o seu inimigo, o seu adversário, como também não abandona a luta sem que o máu instinto deixa de cevar os seus ódios.

—D. João VI, sempre poltrão e miserável, fuge do campo da luta para o socêgo de... Queluz, no continente.

Entrega a regência do governo e não tem a coragem de evitar que o barão da força pendure os cabeças da revolta pernambucana, dando satisfação à vingança dos partidários do poder absoluto.

Os freires dominicos, que o rodeiam, apontam-lhe o caminho do dever, que é também o caminho do céu, tornando-o irresponsável da série de crimes praticados com o seu consentimento em nome dum direito divino que era, apertado livre, para maior glória de Deus, nem mais que o aforismo do gastrónomo Brillat-Savarim do «dis-moi-que que tu manges, je te dirai qui tu es».

Sua augusta esposa, por sua vez, tão inconsciente como era barrêg dos seus lacaios, vai despertando no espirito tacanho de seu filho, D. Miguel, o ódio que viria a ser o maior flagêlo caído sobre a Nação.

Se de começo a História Contemporânea, mercê o impulso vintista, redime Portugal de embaraços que evitam a bancarrota—a história repete-se,—o espirito vêsgo dessa criminosa mulher lança de novo «a instina guerra» a ponto de criar a situação o mais deplorável possível—como esteio único da prepotência e da falta de escrúpulos.

Este número foi visado pela Comissão de Censura

Bayonne, 8/5/1930.

Meu Presado Correlligionário e Amigo

Agradeço-lhe e peço-lhe a finesa de agradecer por mim a todos os outros dislintos signalários o telegrama de felicitações com que tão afectuosamente me obsequiaram no dia dos meus 79 anos. Neste momento sobretudo, a sua amobilissima lembrança sensibilizou-me imensamente. E quero significar-lhes quanto ainda a apreciei por vir estreitar as minhas antigas relações com essa bela terra, onde vive parentes com quem meu Pai começou a sua carreira, e companheiros de mocidade que foram tão meus amigos.

Abraço-os, fazendo todos os votos pela próxima victoria da Republica.

Todo seu

BERNARDINO MACHADO.

A nossa Africa Ocidental

Angola, a mais pura jóia no escritorio do Além-Mar português, aquela onde, para qualquer parte que nos dirijamos, sómente se fala a nossa lingua harmoniosa, sem misturas de anglo-saxonismos dissonantes — é uma das nossas colónias mais causticadas por angustiosos problemas.

A sua crise económica, a revoada de abutres que adejaram sobre ela, lançando-lhe cubicosos olhares, a sua agricultura em luta com exaustivas dificuldades, as suas indústrias numa prolongada infância de desenvolvimento, as suas magnificas rédes fluviais desaproveitadas, as suas endemias definhando as populações das suas raças — são outros tantos calvários aflitivos na via sacra dolorosa que se vê obrigado a percorrer todo aquêlo que quizer aplicar, por momentos, um pouco de atenção á vida atribulada desta nossa possessão prodigamente dotada pela natureza.

Uma das calamidades do nosso desenvolvimento colonial, são os nossos detractores, que não cessam de nos julgar incapazes de colonisar e explorar tão extensas e férteis colónias. Infelizmente, até entre nós, com frequência deparamos com prosa de creaturas em que a justiça se parece muito... á do americano Ross.

Mas a escala crescente, em que a nossa riqueza de Angola, se vai realisando, tanto a que deriva do sólo e sub-sólo, como a que se colhe nas águas do mar, demonstra a grande actividade do colono

portuguez... por muito que pese áquelles que nos julgam incapazes de a explorar.

No entanto, nem tudo é lama; ainda há gente honrada neste mundo, para quem a justiça não é... uma carta de jogar.

Quero-me referir ás palavras que a *Revue Générale de la Colonie belge*, para illicação dos seus leitores, publicou a nosso respeito, e que por as achar interessantes as reproduzo aqui:

«... respeitantes ao que se passa presentemente em Angola, tanto para os caminhos de ferro, os portos, as explorações mineiras, etc., é permitido concluir que esta colonia entrou numa fase de desenvolvimento muito rápido.

Imediatamente após a guerra, Portugal compreendeu que devia fazer um grande esforço para valorisar as prodigiosas possibilidades das suas duas grandes colonias de Africa: Moçambique e Angola. Não se iludiu que importava explorar as riquezas encerradas nesses territorios para o benefício da comunidade humana. Compriu esta tarefa, procurando atingir o fim a que se tinha proposto.

Que os detractores da nossa obra colonisadora, reparem nessas palavras, consultem as estatísticas da nossa produção e exportação angolana, analisando bem o aumento de produção dos géneros cultivados pelos indigenas, para se convencerem da ineficácia dos seus argumentos, em presença de tão evidentes factos.

ALBANO CRUZ

Lêde e propagai «A Velha Guarda»

PHILIPS RADIO

Nova combinação de Luxo -- Receptor 2511.

Alto falante Electrodinámico com excitação

O Receptor que ganhou o primeiro prémio na
Exposição de Londres.

O Receptor onde estão reunidos com elegância
todos os aperfeiçoamentos.

O Alto falante melhor delineado.

Intensidade e nitidez incomparáveis.

Perfeição Científica :: Perfeição Artística.

O único que leva a alegria ao vosso lar.

Em Guimarães :

BERNARDINO JORDÃO, FILHOS & C.^a